

Entre língua e realidade: Vilém Flusser no reverso de uma urdidura estruturalista

Between language and reality:

Flusser on the reverse of a structuralist warp

Rafael Miguel Júnior

Formado em Jornalismo (2009, Ielusc), mestre em literatura (2014, Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC), doutorando em literatura (PPGL-UFSC, 2014-). Contato: rafamalonso@gmail.com

Carlos Eduardo Schmidt Capela

Doutor em Letras pela Katholieke Universiteit Leuven (Bélgica - 1996). Professor titular de Teoria da Literatura da UFSC. Pesquisador do CNPq. Contato: capela@cce.ufsc.br

SUBMETIDO EM: 25/02/2016

ACEITO EM: 31/03/2016

DOSSIÊ

RESUMO

Centrado no livro de estreia de Vilém Flusser, *Língua e realidade*, o ensaio discute alguns dos fundamentos da concepção de língua ali exposta, e considerada em sua íntima relação com a realidade. Chama particular atenção à postulação da conversação como alicerce da ciência, e do poético como produção que conduz a uma expansão da língua, cuja camada deveria ser compartilhada também pela “verdadeira filosofia”. Ao longo do argumento, debates suscitados pela emergência do estruturalismo de corte francês servem como contraponto da polêmica gerada, no Brasil, pelo lançamento de *Língua e Realidade*.

PALAVRAS-CHAVE: Flusser; língua; realidade; poesia; filosofia

RESUMÉE

L'essai, qui est centré dans le premier livre publié par Vilém Flusser, *Língua e Realidade*, traite de certains des fondements de la conception de la langue présenté par l'auteur, et considéré dans sa relation intime avec la réalité. Il attire une attention particulière à la postulation de la conversation comme le fondement de la science, et du poétique comme production qui conduit à l'expansion de la langue, dont la couche devrait être également partagée par la “vraie philosophie”. Tout au long de l'argument, le débat produit par l'émergence du structuralisme français sert de contrepoint à la controverse suscitée au Brésil par la publication de *Língua e realidade*.

MOTS-CLÉS: Flusser; langue; réalité; poésie; philosophie

1. Entre língua e realidade, um ensaio

Ao publicar seu primeiro livro, *Língua e Realidade*, em 1963, Vilém Flusser sabia que se arriscava em terreno complexo e polêmico, posto que tentava articular relações entre o substrato linguístico e os aspectos objetivos e factuais da existência. Isso justifica a divulgação estratégica do “Ensaio para um estudo do significado ontológico da língua”, na *Revista Brasileira de Filosofia*, no início de 1962. Neste texto, Flusser apresenta de modo condensado as principais teses que seriam desenvolvidas com mais propriedade em *Língua e Realidade*.

Em artigo também intitulado “Língua e Realidade”, veiculado em *O Estado de São Paulo*, em junho de 1964, e escrito em resposta à crítica de Anatol Rosenfeld ao seu livro, Flusser sustenta que a conversação filosófica brasileira, baseada em traduções duvidosas e afogada em academismo e erudição vazia, repousava na inautenticidade. Para Flusser, tal diálogo não participava de uma efetiva troca de informações com os autores que lhe serviam de fonte, “limitando-se à repetição tediosa de ideias alheias” (Flusser, 1964, p. 3). Diante desse quadro, a possibilidade de uma contribuição original à conversação brasileira constituía para ele algo a um só tempo crucial e entusiasmante.

Mesmo assim, ele resolveu refrear o entusiasmo confessado em 1964 e publicar, em 1962, o ensaio-teste supracitado. É o que admite na resposta a Anatol Rosenfeld, quando afirma que com essa publicação prévia procurara sugerir “que alguém mais autorizado empreendesse a primeira viagem de reconhecimento. Não tive resposta e, premido por minha ‘moral de fazer’ (Schauffungsmoral), lancei-me em ‘medias in res lusitanas’” (Flusser, 1964, p. 3). A passagem evidencia a frustração do autor com a ausência de respostas a este seu primeiro ensaio de conversação com a intelectualidade brasileira. A polêmica se instalaria, no entanto, com a publicação definitiva de *Língua e Realidade*, como veremos adiante.

Neste artigo provocativo, Flusser faz coro ao que identifica, no campo do conhecimento, como um clamor por uma “visão integral da ‘realidade’” (Flusser, 1962, p. 70), em contraposição ao cientificismo do pensamento moderno ocidental. Vale notar que, no ensaio, a palavra realidade, ao menos nos parágrafos iniciais, é preventivamente grafada entre aspas. Tal cuidado é reiterado pela utilização de modalizações sintáticas que atenuam o caráter incisivo das afirmações mais contundentes. Os leitores contumazes de Flusser, sabem, porém, que recursos cautelosos como esses se tornariam raros em suas conversações futuras.

Um exemplo dessa postura precavida é expresso pelo fato de Flusser ainda não descartar completamente a existência de algo como uma realidade extralinguística, o que fará, de modo radical, em *Língua e realidade*.

Não quero afirmar, “a priori”, que a ‘realidade’ está dentro da língua e exclusivamente dentro dela. Afirmando, isto sim, que a realidade aparece exclusivamente em forma de língua. A língua, venha ela de fora ou de dentro, significa a realidade, pois, ela é, em seu conjunto, um sistema de símbolos que significam a realidade. Tudo o que os sentidos externos e o sentido introspectivo nos fornecem precisa vestir-se em trajes lingüísticos para ser apreendido e compreendido (Flusser, 1962, p. 71).

O artigo aponta para duas direções possíveis para o estudo da língua a partir da própria língua: a tradução e a perspectiva poética. Flusser lembra que a tradução permite que se coloque em dúvida a primordial certeza do monolinguista de que a realidade habita a sua língua materna. Assim, a tradução de uma sentença do alemão para o português, por exemplo, possibilita que a estrutura que alimenta a língua alemã seja posta a nu. Ao mesmo tempo, o cotejo com a língua alemã constringe a suposta impermeabilidade da língua portuguesa. A tradução e retradução de uma língua para outra tem como resultado sentenças de significado quase ininteligível, o que acaba por expor o caráter autocentrado não somente das línguas citadas, como de quaisquer outras. Na percepção do poliglota Flusser, tantas são as realidades quantas forem as línguas articuláveis. Para ele, não é que duas línguas diferentes articulem uma mesma realidade de modo diverso, mas duas línguas diferentes articulam duas realidades diferentes. Levando adiante tal raciocínio, a realidade estaria imbricada de modo particular em cada uma das línguas. Neste sentido, ele sugere que grande parte dos problemas da filosofia ocidental resume-se a aspectos linguísticos, e cita, para corroborar o argumento, os casos de Kant, Hegel, Schopenhauer e Heidegger. “O método da tradução aplicado contra a filosofia tradicional, a ilumina com luz penetrante, abrindo novas perspectivas sobre a ontologia escondida consciente – ou inconscientemente pelos filósofos” (Flusser, 1962, p. 77).

Se a tradução ainda preserva um aspecto lógico e racional, o outro processo apresentado, o do trabalho poético, considerado com base na fenomenologia de Husserl, apela para o aspecto vivencial da língua. A partir desta segunda perspectiva, trata-se de abandonar todo conhecimento teórico prévio e de se entregar ao componente plástico, sonoro e pictórico da língua. Flusser dá o exemplo de um livro escrito em tibetano. Embora não domine o idioma, ele se diz capaz de distinguir “certas qualidades estéticas” (Flusser, 1962, p. 84) do livro a partir de outros fatores que não o do significado.

À parte esse argumento subjetivo, Flusser se esforça por trazer à tona o aspecto não simbólico da língua, ou, em suas palavras, expor a capacidade da linguagem poética de apresentar a realidade de forma imediata. A poesia torna possível o contato da língua com a própria língua. É por isso que para ele os grandes pensadores da humanidade, entre eles Platão e Nietzsche, são filósofos por serem poetas (Flusser, 1962, p. 86).

O argumento central do ensaio é que não se pode pensar a língua sem o recurso da própria língua. Qualquer indivíduo permanece numa relação de forte intimidade com a língua que fala e, através da qual, se fala. “Sentimos profundamente que pensamos em uma língua, dentro de uma língua, uma língua”. E entre parênteses acrescenta, com malícia: “(Sintomaticamente a língua nos abandona quando queremos utilizar-nos dela contra ela)” (Flusser, 1962, p. 69-70).

Essa premissa o leva a valorizar modalidades de linguagem de matriz poética ou mágica, de toda forma, modalidades que não se esgotam unicamente na pretensão de significar. Parte desse princípio o aspecto polêmico da sua intervenção: “O poder que a língua exerce na boca e pena dos poetas e demagogos, portanto, o poder

da língua quase despida de significado, (da língua em si, não língua símbolo), está sendo investigado do ponto de vista crítico-estético e psicológico, portanto, do lado de fora da língua” (Flusser, 1962, p. 69).

Embora Flusser tenha afirmado que o ensaio em foco não tenha obtido resposta, há pelo menos uma crítica diretamente motivada pelo texto, a de Lívio Xavier (1900-1988). O jornalista e tradutor elogia o fato de Flusser ter apontado para a “intraduzibilidade do alemão filosófico”, mas critica a aplicação do método fenomenológico, “sobremodo superficial para não dizer pueril”. Apesar das censuras, Lívio finaliza: “Mesmo assim, o ‘ensaio’ do Sr. Flusser escapa à pecha de inanidade que merece a maior parte dos artigos e publicações de filosofia no Brasil” (Xavier, 1962, p. 1)¹.

2. Entre língua e realidade, tessituras

Se *Língua e Realidade* pode não ter sido o primeiro livro escrito por Vilém Flusser é, de qualquer forma, o seu primeiro livro publicado. Com esse trabalho inicial, Flusser realiza ao menos três movimentos importantes: aventura-se, pela primeira vez, com uma empreitada de fôlego, pela língua portuguesa; apresenta-se ao público brasileiro geral; e se insere no âmbito dos debates filosóficos, notadamente no domínio da filosofia da linguagem.

Esta obra inaugural é a única, salvo engano, em que Flusser inclui referências bibliográficas. Mas não como de praxe. Ele apenas sugere a leitura de originais, muitos deles nem mesmo citados no corpo do livro, que poderiam servir para melhor entendimento de cada um dos capítulos. Nas referências, as publicações consideradas essenciais para o argumento de cada seção são grafadas em itálico. Ao contrário da sua produção subsequente, neste trabalho Flusser mostra uma preocupação maior com a discussão de certos conceitos relevantes no espaço da filosofia tradicional. A menção direta a autores, embora muitas vezes cifrada, alusiva ou nominal, como no restante de sua obra, é mais frequente em *Língua e Realidade*. Ainda assim, o livro não faz uso de citações diretas e de notas de rodapé.

É como se nesse livro-apresentação Flusser fizesse certas concessões a um estilo mais convencional de filosofar, que em seus futuros livros seria, se não de todo desprezado, ao menos atenuado. A tese básica do *modus operandi* flusseriano continua a mesma: cada língua, ao realizar-se, realiza a realidade. Por isso, para ele, as categorias aristotélicas estão presas à estrutura do grego clássico, enquanto as categorias kantianas da razão pura são determinadas pela estrutura do alemão do século XVIII.

Uma leitura atenta de *Língua e Realidade* indica que, se no segundo capítulo Flusser se detém na discussão de conceitos (tempo, substância, causalidade, potencialidade, etc), no capítulo seguinte conceitos instituídos no discurso filosófico são basicamente abandonados, restando menções e alusões aos filósofos que os empregam.

¹ No mesmo texto, Lívio se refere ao estilo de Flusser como sendo “arresado”, que lhe lembrou um alemão traduzido. Ainda que considere esse estilo “rebarbativo”, ele afirma que, mesmo assim, Flusser “denota certa sensibilidade” (Xavier, 1962, p. 1)

Também neste sentido esse primeiro livro é inaugural: inaugura não apenas um método de trabalho, mas um modo de operação. Não à toa, a última parte do segundo capítulo intitula-se “O português como instrumento de investigação”. Já no ensaio publicado na *Revista Brasileira de Filosofia*, Flusser advertia que a filosofia em solo brasileiro deveria ser dotada de “portuguezidade” (Flusser, 1962, p. 84)². Se conceitos não podem ser traduzidos de uma língua para outra, urge filosofar em português. Isso reforça a predileção flusseriana por filósofos que, antes de tudo, são poetas, ou seja, produtores de língua.

É o caso de Walter Benjamin, um dos autores que reverberam em diversos escritos flusserianos, e que por isso mesmo constitui um de seus interlocutores de maior relevo, embora não nomeado em *Língua e Realidade*. Uma das imagens do pensamento de Walter Benjamin assume agora, ao modo de um bordão, o primeiro plano deste texto, emprestando uma alegoria que pode servir como emblema desta exposição. Trata-se de uma breve passagem de “A caixa de costura”, um dos capítulos de *Infância em Berlim por volta de 1900*. O texto refere-se ao gesto de costurar, tecer ou bordar, “a mais silenciosa das atividades domésticas”. O narrador, como usual nos relatos do livro, sempre de caráter memorialístico, incorpora-se à cena, colocando-se como um daqueles que, na intimidade da noite, buscava alinhar “os fios segundo o desenho”. Então, na conclusão do relato, acrescenta:

E à medida que o papel abria caminho à agulha com um leve estalo, eu cedia à tentação de me apaixonar pelo reticulado do avesso que ia ficando cada vez mais confuso a cada ponto dado, com o qual, no direito, me aproximava da meta (Benjamin, 1987, p. 129).

A imagem benjaminiana evoca, na relação entre anverso e reverso, a contraposição entre uma figura nítida, um desenho regular, compacto e ordenado, realizado segundo o comando de um plano previamente traçado, e um emaranhado de fios, crescente conforme o próprio avanço do trabalho, relegado à posição subterrânea, ocultado sob o pano, ou a tela, e que em sua desordem caótica torna possível à imagem ordenada aparecer na superfície oposta, aquela que traça a meta. Meta, porém, que não desperta a paixão do bordador, tentado, ao invés, pela trama informe, confusa e desordenada.

A cena, portanto, permite sondar se seria possível operar, como e em que medida, no nível da percepção de maneira a torná-la capaz de imaginar, no emaranhado de fios do reverso, a potência de que resulta a nítida figura do anverso, e vice-versa, uma fusão em que ordem e desordem trocam continuamente de lugar. Mais que isso, ela indica que quanto maior a precisão da imagem que se desenha no anverso, que deve ser exibida como o resultado de uma arte, o trabalho artesanal da fiação, maior o embaralhamento dos fios que lhe servem de fundo. Essa contraparte amorfa faz com que uma imagem, uma fulguração, ou uma palavra tenham lugar, venham à luz e por sua vez iluminem. O fundo: aquilo que torna possível a emergência do que pode ser

² Flusser defende a necessidade de que a atenção seja dirigida “para a língua tal qual se derrama no centro do meu eu. Desta forma, descobrirei esse perfume dentro de mim, descobrirei a minha ‘portuguezidade’. Verificarei que tudo o que penso, quando penso em português, está impregnado dessa portuguezidade. Todos os meus conceitos e valores, quando pensados em português, são variações sobre o tema básico da portuguezidade. Quando penso em inglês, tudo muda de aroma, como que por encanto” (Flusser, 1962, p. 84). A esse salto de uma língua para outra Flusser dá o nome de transporte, algo distinto da tradução.

codificado, ao preço de seu ocultamento, da sua fascinante incognoscibilidade, e que por isso mesmo seduz. Não se deve esquecer que em *Língua e realidade* Flusser, quando lança suas reflexões sobre aquela “região ontologicamente problemática que se situa entre sentido e intelecto”, postula a impossibilidade de ela ser “realmente alcançável pelo intelecto e não pode ser autenticamente formulada em palavras”. Em sua “tentativa desesperada, mas nem por isso menos necessária”, de compreender-se, ao intelecto só restaria o recurso de uma leitura alegórica. Tudo o que o autor afirma sobre aquela região, portanto, deve ser lido “não como reportagem, mas como alegoria”: “A alegoria (o ler substitutivo) é o único método disponível ao intelecto na sua tentativa de ultrapassar-se” (Flusser, 2007, p. 48-49)³.

Alegorias acerca do tecer perpassam não apenas *Língua e realidade* como também boa parte da obra de Flusser. No “Ensaio para um estudo do significado ontológico da língua”, ao discorrer, testando-o, sobre o método da tradução ali proposto, ele se utiliza do significante realidade, como antes observado. Após mencionar o fato de no português a raiz latina *res* ter sido perdida, Flusser propõe traduzir o termo, “superficialmente”, como esclarece, para o alemão.

Serve-se então da palavra “*Sachlichkeit*”, opção que recusa por considerá-la grotesca. Afinal, “*Sachlichkeit*”, esclarece, significa em alemão, “muito aproximadamente (...) ‘anti-sentimentalismo’ ou ‘realismo antirromântico’”. A seguir recorre à palavra “*Wirklichkeit*”, que efetivamente “quer dizer ‘realidade’ em alemão”, e, após assinalar que ela quer dizer, também “aproximadamente”, “surgir efeito”, “funcionar”, observa que ela, no entanto, queria dizer originalmente “tecer” (Flusser, 1962, p. 74-75). Sugere, portanto, a partir do alemão, um vínculo perdido entre o trabalho de realizar, instituir realidades, e a tarefa da tecelagem.

Tal vinculação, similar ao elo perdido entre o *res* latino, a coisa, ocupa posição de destaque em toda a argumentação de *Língua e realidade*. Ali, por exemplo, a alegoria do tecer, da tessitura ou da urdidura, é posta, com a ressalva adverbial de um “aparentemente”, como uma “instância entre sentido e intelecto, que transforma dado em palavra”. E prossegue, compondo uma imagem que guarda instigante analogia com a cena benjaminiana antes apresentada:

O intelecto *sensu stricto* é uma tecelagem que usa palavras como fios. O intelecto “*sensu lato*” tem uma ante-sala na qual funciona uma fiação que transforma algodão bruto (dados dos sentidos) em fios (palavras). A maioria da matéria-prima, porém, já vem em forma de fios” (Flusser, 2007, p. 49).

3 A respeito da 3ª edição de *Língua e realidade* (2007), de que cada um de nós possuía um exemplar, é forçoso, embora constrangedor, observar que foram lançadas duas versões distintas, que diferem por detalhes gráficos (o desenho da capa, por exemplo), e sobretudo pelo espaçamento entre as linhas e pela mancha. Isso gera um desajuste no momento do cotejo entre tiragens cujas diferenças não são em nenhum momento explicitadas (até o ISBN é o mesmo): passagens estampadas na página 144 de uma delas, por exemplo, na outra aparece na página 181. Afirmamos isso como um alerta para os leitores.

3. Entre língua e realidade, o livro

Flusser inicia *Língua e Realidade* com a asseveração de que um mundo caótico, embora concebível, é insustentável. “O que transforma o caos em cosmos é a possibilidade de conversação, é o vai e vem da língua. (...) O intelecto em conversação conserva e aumenta o território da realidade. Realizando-se, realiza”. E prossegue: “É este o significado ontológico da expressão do homem como *zoon politikon*” (Flusser, 2007, p. 58, 61).

Para Flusser, aquilo a que damos o nome de realidade chega até nós através de duas formas: dados brutos e palavras. Em princípio, poderíamos separar, dicotomicamente, os dados brutos ou imediatos (a “realidade”) e as palavras, que nomeariam os dados brutos. Teríamos a ideia de uma língua que descreve o mundo objetivamente. No entanto, ele adverte que os dados brutos alcançam o intelecto somente em forma de palavras. Sendo assim, torna-se possível afirmar “que a realidade consiste de palavras e de palavras *in statu nascendi*” (Flusser, 2007, p. 49).

É importante ressaltar que Flusser pode até considerar a existência de algo como um dado bruto – de todo e qualquer ente, para nos servirmos do léxico filosófico –, mas esse dado bruto só ganha existência, de fato, quando se apresenta articulado em palavra. Duvida da língua enquanto capaz de apontar para algo além dela. Assim, a condição alegórica da língua é aceita como condição do pensamento e perguntas como “qual é a origem da língua?” não importam à discussão – a perda original está consolidada. Abandona-se o conceito de realidade absoluta, que adequa frases e realidade, em favor da ideia de realidade relativa. “A língua, com seu significado e suas regras, é o ‘dado’ por excelência” (Flusser, 2007, p. 56). A realidade, o dado bruto, é pura potência, poder-ser, sendo a realidade da língua a única possível e aceitável. Esse dado bruto que exige articulação não é, em si, articulável. Nosso modo de ler e articular é, vale repetir, sempre alegórico.

Uma língua única resolveria o problema do pensamento. Ou melhor: uma língua única acabaria com o pensamento. A multiplicidade das línguas revela a relatividade das categorias do pensamento. Flusser afirma que tanto o eu quanto o não-eu realizam-se nas formas das diversas línguas. Eu e não-eu que também podem responder pelos nomes, respectivamente, de realidade e subconsciente, ambos “caos irreal do poder-ser” (Flusser, 2007, p. 163). Eu e não-eu são os horizontes ontológicos de toda língua, e portanto inatingíveis, embora parcialmente articuláveis. Como hipóteses extralingüísticas, podem ser eliminados do horizonte da conversação⁴.

4 Em *A dúvida*, de 1999, livro publicado postumamente, em português, Flusser radicaliza a hipótese a respeito do pensamento de que a língua cria a realidade. Se em *Língua e Realidade* ele dá os nomes de “eu” e “não-eu” aos horizontes da conversação, aqui ele os chama de sujeito e objeto. O pensamento, para ele, é um projeto – um projétil. Esse projétil, nas línguas flexionais, carrega a estrutura: sujeito, predicado e objeto. A realidade passa por essa forma, e analisar uma frase é um trabalho ontológico. Embora leve em conta essa estrutura, Flusser não a toma em sentido cartesiano, ou seja: um eu pensante, que empregando o predicado correto, avança contra o objeto a fim de controlá-lo. Deslocar a lógica sujeito, predicado e objeto para fora da língua, por exemplo na tendência de identificar o sujeito a um eu, é segundo ele humanismo ingênuo, metafísica inútil. É por essa razão que despreza, nessa estrutura, a suposta relevância do sujeito e do objeto. Ambos são os horizontes da conversação, ou seja, de onde ela parte e para onde ela caminha, mas ambos são inalcançáveis. Os objetos nunca serão esgotados pelo sujeito, e o sujeito nunca se constituirá plenamente a partir dos objetos. Assim, Flusser abandona o sujeito e o objeto para ficar apenas com o predicado, que ele conceitua como a passagem do símbolo ao signo. A conversação torna-se a soma dos predicados articulados.

O clima que prevalece é o de intelectos realizados pelo contato uns com os outros. Os intelectos são abertos e reais não por estarem aqui (*Dasein*), mas por estarem juntos (*Mitsein*). Como existentes em oposição a esse caos do vir-a-ser ou a esse “de tudo diferente”, expressão emprestada de Kierkegaard, somos seres pensantes desterrados, imagem de expulsão já prefigurada na expulsão do paraíso. Vale ressaltar que toda teoria flusseriana sobre as imagens técnicas (em especial a fotografia, com a *Caixa Preta*) está assentada sobre o esvaziamento da realidade em nome da afirmação da virtualidade da superfície da tela.

No entanto, Flusser adverte que os intelectos participantes da conversação, inclusive no âmbito da ciência, ainda não parecem totalmente conscientes de que operam com elementos lingüísticos e que se adaptam a regras gramaticais. “ainda são propensos a declarar, com ingenuidade, que os elementos são *naturais* e as regras *leis naturais* (sem poder definir a palavra natural, evidentemente)” (Flusser, 2007, p. 171). Essa é uma marca do pensamento flusseriana: considerar também a conversação científica como língua, e, conseqüentemente, como uma modalidade de ficção. O mesmo ele dirá da filosofia, quando afirma que a verdadeira filosofia participa da camada de conversação da poesia.

4. Entre língua e realidade, estruturalismo

Na segunda metade do século XX, em período concomitante ao lançamento de *Língua e Realidade*, acirra-se na Europa e na América do Norte discussão análoga em torno à tríade ciência, linguagem e mundo. Os debates são suscitados principalmente pelas então recentes postulações da corrente francesa denominada estruturalista. Aos poucos, ganha força o pensamento que opta por entender a linguagem não mais como dotada da capacidade de descrever o mundo, mas como constituindo o mundo a partir do seu próprio tecido. Sintoma relevante da discussão em torno dessa, por que não dizer, guinada epistemológica no campo das humanidades, aparece claramente em texto de Edward Said.

Trata-se de “Abecedarium Culturae: structuralism, absence, writing”, de 1971, ensaio que, em 1975, seria incluído em *Beginnings*. Impactado principalmente pela exposição dos trabalhos de Roland Barthes, Michel Foucault (em especial *As palavras e as coisas*, de 1966), Lévi-Strauss e Jacques Derrida, Said faz uma espécie de balanço crítico do movimento estruturalista francês. Embora alterne elogios e críticas a pressupostos teóricos dos autores citados, merece relevo o fato de, no final das contas, Said incluir no mesmo barco todos os considerados “estruturalistas”.

Se Said pactua com pressupostos epistemológicos estruturalistas, coloca em dúvida, de todo modo, a sua efetividade metodológica, questionando sobretudo as implicações políticas deles decorrentes. Parece estar em acordo, ao menos em termos gerais, com um dos principais postulados da corrente francesa: o de que a língua reluta em adequar-se à descrição das coisas e às intenções de quem a emprega. Said inclusive assume

que a entrada no período moderno pode ter como marco o momento em que ganha maior alcance, nas humanidades, a consciência da necessidade de questionar a capacidade de as palavras nomearem objetos, de modo certo e indubitável, como também de tecerem e desvelarem as relações entre eles para compor o que chama de “taxonomia universal da existência”: “[no período moderno]... não apenas o centro não está mais seguro, mas ainda a rede de relações em torno dele começa a perder seu poder coesivo” (Said, 1971, p. 37)⁵. Não se sabe como e nem em quais condições o homem teria passado a usar a linguagem (falada e escrita) para expressar as relações com seus semelhantes e com o mundo em que se insere, mas o fato é que ela aí está e deve ser, como ele enfatiza, tomada como algo dado. Nos termos de Said, pode-se dizer que houve um afastamento definitivo do ponto zero – de um mundo anterior à linguagem –, restando apenas a opção de escrever e falar sobre a ausência de uma origem explicativa. Ou seja: não se pode contar com algo como um começo primordial do qual tudo o mais decorreria, um ponto de apoio firme de onde o pensamento pudesse partir com total segurança; o que temos à disposição são “começos” (*beginnings*: lugar temporal, direção inaugural, orientação provisória). A linguagem já é, portanto, conseqüência dessa perda original (ontologia do nada, “ontology of nothingness”)⁶.

O homem, portanto, estaria atravessado e ao mesmo tempo configurado pela linguagem, o que torna a sua constituição enigmática. O ser humano, para retomar Said, passa a conceber a si próprio como uma estrutura que vagueia entre três pontos-chave: biologia (psicologia), economia (sociologia) e linguagem (literatura, mitos). O homem, assim, deixa de assumir a posição seja de sujeito, seja de objeto. A pergunta modifica-se: não se trata mais de saber o que a estrutura significa, mas o modo, ou modos, segundo os quais ela funciona (abandono do “por que” em favor do “como”).

As conseqüências epistemológicas, e também ontológicas, de tais pressupostos tornam-se motivo do questionamento de Said. Segundo ele, pensar o homem e suas ações no mundo como efeitos de linguagem acabaria por enclausurar o intelectual num círculo vicioso. Sob esse ponto de vista, a linguagem devém não apenas a ferramenta com o qual os estruturalistas operam a sua crítica, mas o instrumento que torna possível aos humanos fabricar, gravar e arquivar suas ações. Colocadas em termos lingüísticos, força e energia acabariam por ser reduzidas ao seu poder de significação, existindo para serem lidas e decifradas semioticamente:

Rapidamente, cada um dos estruturalistas conceberá um tirânico sistema auto-

5 No original: “universal taxonomy of existence”, depois do que, “[...] then we enter the modern period. Not only can the center not hold, but also the network around it begins to lose its cohesive power” (tradução nossa, como as seguintes).

6 Duas das principais críticas de Said à corrente estruturalista já descansam nesse ponto. Para ele há, de um lado, sempre o risco de se cair em antropomorfismo, em especial no trabalho etnográfico, quando o intelectual letrado se propõe a descrever o funcionamento das sociedades ditas primitivas. Nesse sentido, comenta o autor, a tendência a submeter as sociedades não-letradas à lógica da linguagem não deixa de ser um princípio de escravização, dado que o caráter estrutural da linguagem poderia vir acompanhado de uma hierarquização social antes não existente. Said, de outro lado, mostra-se reticente quanto ao ponto de chegada estruturalista. Por mais que num primeiro momento os franceses apontassem a perda de uma origem, em outras circunstâncias, segundo ele, vinha à tona o desejo de recompor, ordenar e reconstituir a totalidade. Tal movimento teleológico decorreria da necessidade estruturalista de se estabelecer como ciência – guiada que poderia culminar, sob influência da cibernética, numa matematização da linguagem e da crítica.

-generativo no qual o homem aparece como o sujeito falante cujas ações estão sempre sendo convertidas em signos que o significam, os quais por sua vez ele utiliza para significar outros signos, e assim infinitamente (Said, 1971, p. 41)⁷.

Dada a impossibilidade de pensar sem linguagem, realça Said, as categorias linguísticas acabariam por se confundir com aquelas do pensamento, o que levaria a uma sorte de colapso tanto no âmbito da linguagem quanto no do pensamento. Said, assim, não se mostra disposto a aceitar e ratificar o pressuposto dos estruturalistas, pelo qual língua e civilização são termos, ou conceitos, intercambiáveis. Considerar a linguagem como começo e como resultado significa, conforme ele observa, recair em uma tautologia que abole do horizonte sujeito e objeto, eliminando, por derivação, a possibilidade de ação política do homem no mundo. A essa ideia de tomar a linguagem como começo e ponto de chegada Said dá o nome de “linguicity” (Said, 1971, p. 64).

Pertinente para problematizar as desconfianças de Said quanto aos postulados estruturalistas é a resenha de *Beginnings*, de Eugenio Donato, publicada na revista *Diacritics*, em 1976. Em especial porque Donato avalia a recente publicação de Said tendo como contraponto o trabalho de Jacques Derrida. Seu pressuposto de leitura demora na concepção segundo a qual as representações literárias são sempre construções derivadas, e conceitos filosóficos que delas tratem só podem brotar da assunção da perda original de que há pouco se falou. Ele postula que o trabalho de Derrida é um emblema da necessidade da ficção de alegorizar-se como ficção. Com Nietzsche e seu clássico texto de 1876, *Sobre a verdade e a mentira em sentido extra-moral*, aponta para a natureza textual da percepção; para ele a linguagem não implica em uma adequação entre palavra e objeto do mundo, pois ela engendra um processo metafórico que tem início antes mesmo do gesto de dar nome às coisas.

Donato reconhece os méritos de Said quanto à postulação da diferença entre origem e começo. Como dito, Said não duvida de que a perda original está consumada. Assim, admitir que o trabalho crítico não se apoia num denominador comum original significa, para Donato, um avanço considerável. Ele, porém, fundamentando-se no pensamento derridiano, refuta a ideia de Said de que o homem possa ficar preso num círculo vicioso linguístico que lhe impediria de estabelecer quaisquer conexões com o mundo objetivo. A partir dessa diferença teórica decisiva, Donato identifica a relutância de Said em mergulhar no “jogo” epistemológico da corrente intelectual da qual Derrida era um dos protagonistas⁸.

É a Eugenio Donato que Silviano Santiago dedica seu ensaio mais conhecido, “O entre-lugar do discurso latino-

7 No original: “Nearly every one of structuralists acknowledges a tyrannical feed-back system in which man is the speaking subject whose actions are always being converted into signs that signify him, which he uses in turn to signify other signs, and so on to infinity”.

8 Vale lembrar que Eugenio Donato (1937-1983) foi um dos introdutores do pensamento de Jacques Derrida nos Estados Unidos. Em 1966, ele participa do Colóquio Internacional *The Language of Criticism and the Sciences of Man*, que se realizou na John Hopkins University. Digno de nota é que Derrida foi convidado para o evento, após Lévi-Strauss ter cancelado a sua participação. E é justamente nesse colóquio que Derrida apresenta seu hoje conhecidíssimo estudo, *A estrutura, signo e o jogo no discurso das ciências humanas*, em que aborda criticamente o pensamento de Lévi-Strauss.

-americano"⁹. Familiarizado com o pensamento tanto de Said quanto da corrente francesa dita estruturalista, Silviano atualiza nos trópicos a discussão que se dava em nível ocidental. Ao formular o conceito de “entre-lugar”, ele deixa de considerar um problema o fato de o escritor/crítico latino-americano não produzir a partir de materiais necessariamente originais. Ao contrário, o reconhecimento de que trabalha a partir do “já-dito”, para lembrar Foucault, conferiria potência ao autor dos trópicos, dado que partiria de pressuposto não ingênuo e autocentrado. Segundo Santiago, o imaginário neo-colonialista se afirma como escritura sobre ou a partir de outra escritura. “O artista latino-americano aceita a prisão como forma de comportamento, a transgressão como forma de expressão” (Santiago, 2000, p. 28). Neste sentido, é justamente a situação periférica do escritor/crítico latino-americano que lhe permite adotar aquela postura não ingênua, que amiúde deixa de ser admitida pelo próprio escritor/crítico da metrópole. O autor dos trópicos, pondo de lado a sede de originalidade e as “influências”, assume-se como fabricante de cópias diferidas e incorpora o funcionamento da própria máquina ficcional da literatura. Uma sorte de imitação, ou reprodução, um tipo de reprodutibilidade em que os objetos ou as matrizes reproduzidas, não sem antes serem devoradas, antropofagicamente, produzem uma diferença que deriva exata e ironicamente do arranjo que lhe era característico, que lhe conferia autoridade e identidade. Na esteira de Walter Benjamin, em seu clássico “O narrador”, Silviano afirma que o escritor latino-americano opera conforme o “narrador pós-moderno”. A característica básica deste último é que ele, ao contrário do narrador clássico tal como definido por Benjamin, que narra suas experiências de vida, institui uma voz que fala daquilo que não experienciou. Mais importante, todavia, é destacar que certas formulações de Silviano possuem uma instigante proximidade com relação a alguns postulados flusserianos. Por exemplo: “[...] o narrador pós-moderno sabe que o ‘real’ e o ‘autêntico’ são construções de linguagem” (Santiago, 2002, p. 47).

5. Entre língua e realidade, o debate

Embora em escala reduzida, e com menor impacto no Ocidente, um debate em torno das relações entre linguagem e representação do mundo “objetivo” ocorre também no Brasil, ao longo dos anos de 1960, tendo por motivo justamente *Língua e realidade*.

Como usual, a recepção do livro dividiu os poucos críticos que a ele dedicaram sua atenção em dois grupos: aqueles que o condenaram de maneira mais ou menos veemente, e aqueles que o elogiaram. Entre os primeiros está Anatol Rosenfeld (1912-1973), que caracteriza como inútil o esforço de Flusser de estabelecer uma ontologia reduzindo a estrutura do ser a camadas lingüísticas. Trata-se, para ele, de “idealismo radical” e de “solipsismo lingüístico”. O que, acima de tudo, Rosenfeld não aceita é a mudança de perspectiva de Flusser em

9 O ensaio foi escrito originalmente em francês, com o título “L'entre-lieu du discours latino-américain”. Donato convida Silviano para uma palestra na Université de Montréal, mas sugere outro título para a conferência: “Naissance du sauvage, Anthropophagie Culturelle et la Littérature du Nouveau Monde”. A palestra foi lida na universidade, em 18 de março de 1971, e, em 1973, republicada em inglês com o título “The Latin-American Literature: the Space in-between”, pela State University of New York at Buffalo. A versão em português só aparece em 1977, com a publicação de *Uma literatura nos trópicos*.

relação à língua.

Há, todavia, algo de paradoxal no juízo do crítico, pois apesar de execrar o livro, ele acaba por recomendar sua leitura, reconhecendo certa atmosfera poética e mesmo aceitando como verdade, embora “parcial”, a tese flusseriana de que a língua determina a realidade. O mais reprovável para ele parece ser o niilismo de Flusser, já que em *Língua e realidade* este propõe a existência de um processo de expansão das línguas em torno de nada, ou seja, postula a existência de regiões dominadas pelo indizível, cujo acesso é portanto vedado. Rosenfeld, de todo modo, percebendo ou não, reitera a ideia flusseriana de que a língua só se estabelece, e se expande, levando consigo o conhecimento, se e quando conversada. É o que pode ser observado na conclusão:

Talvez seja preferível que continue escrevendo livros como este esplêndidos, conquanto errados (...). Há certos erros que são mais fecundos do que certas verdades. Variando uma frase famosa, diria: não concordo com quase nenhuma palavra do A., mas espero que continue escrevendo para que possa continuar discordando dele (Rosenfeld, 1964, p. 2).

Mais contundente ainda é a crítica do poeta, ensaísta e tradutor Oswaldino Ribeiro Marques (1916-2003), “Introdução à semântica”, de Adam Schaff”. O objetivo, como o título prenuncia, é tratar do livro do semanticista, cuja tradução havia sido publicada pela editora Civilização Brasileira. No entanto, o artigo se divide em duas partes: na primeira, ele condena o livro de Flusser; na segunda, e como forma de contraponto, elogia o livro de Adam Schaff.

Oswaldino afirma considerar o livro errado de ponta a ponta. Para ele, Flusser se empenhara em nada mais que uma “orgia especulativa”; daí a redução de *Língua e Realidade* a nada mais que um ensaio de “idealismo transcendental” e “misticismo metafísico”. Para o crítico, Flusser monta “absolutos cósmicos” que “caucionam as maiores abstrações doutrinárias”. Portanto, “não se trata de uma filosofia, mas de uma degenerescência metonímica – uma violência retórica”. O grande ranço de Oswaldino Marques, ao que parece, decorre do fato de o livro de Flusser ter repercutido no Brasil, e em muitos momentos de forma positiva. Ele condena o público leitor brasileiro, caracterizando-o como acrítico, e insinua que *Língua e realidade* só poderia ter suscitado o interesse que despertou em terras brasileiras. Ao mesmo tempo, comemora o lançamento quase concomitante da tradução do original de Schaff.

Em qualquer parte do globo, o nosso autor, por divulgar tais enormidades, teria sido posto em quarentena até fornecer provas de sua qualificação para abordar temas sérios, mas, neste Eldorado, isso lhe atraiu renome, fê-lo oráculo de questões transcendentais – da poesia concreta ao tropicalismo de Caetano Veloso – e, sabe lá, assegurou-lhe o direito de representar o país em congressos internacionais de filosofia! (Marques, 1968, p. 1).

O comentário ofensivo naturalmente não passaria impune a Flusser. Seu primeiro esforço é por rechaçar, sarcasticamente, o provincianismo teórico que Oswaldino lhe imputara. Ele relata que em 5 de setembro do mes-

mo ano havia estado na III Sessão Plenária do Congresso de Filosofia de Viena e tivera então a oportunidade de conversar pessoalmente com Adam Schaff. Aliás, Flusser conta que, apesar da discordância com Schaff, ele havia sido convidado pelo próprio polonês para participar do congresso.

De toda resposta de Flusser, aqui interessa sobretudo reproduzir fragmentos nos quais define o que entende por fazer filosofia. A explanação tem por mote a afirmação de Marques de que sua filosofia é “errada”:

Não consiste ela [a filosofia] na interpretação de outros filósofos, embora não possa haver filosofia sem conhecimento da história da filosofia. A meu ver Wittgenstein exagera a possibilidade de um filosofar independente. Mas o principal em filosofia é o jogo com conceitos dentro de um sistema de regras. Sem dúvida, o jogo e seus conceitos e regras são fornecidos pela tradição, mas o jogador pode manipular os conceitos, eliminar alguns, acrescentar outros, e alterar as regras dentro de determinados limites. Esta é a razão do fascínio da filosofia. (...) A filosofia não é uma profissão, como o é, por exemplo, a contabilidade. Por isto não pode haver uma regulamentação dessa profissão, coisa que o Sr. Oswaldino parece advogar, na sua filosofia de conseguir filosofias certas. (...) O brilho do estilo de um Nietzsche ou Ortega são parte integral da carga filosófica dessas obras. Mas “submeter-se as regras estéticas” talvez não tenha sido uma expressão feliz para captar o clima no qual se faz filosofia. A vivência não é de submissão, mas de libertação dentro da limitação deliberada. E é nessa liberdade que a práxis filosófica se dá e se expande. (...) Pode haver apenas a constante descoberta do poder e da limitação do pensamento como organização de símbolos por regras (Flusser, 1968, p. 6).

Entre os que elogiam *Língua e Realidade* está um dos divulgadores do pensamento lógico no Brasil, Leonidas Hegenberg (1925-2012). Leonidas menciona o conceito de falsificabilidade de Popper, que prega que científico é apenas o observável; o que não pode ser observado, destina-se à esfera do mito. A partir de tal lógica, a teoria da relatividade pode ser considerada científica, enquanto a psicanálise é tomada como mito. Mas Leonidas avança no argumento de Popper. Afinal, se a lógica do falsificável segue o observável, o que é o observável? Fatos, lembra, também são construções de linguagem. Segundo ele, Popper propõe abandonar um mito para assumir outro, o da fé na realidade. Ou seja, a ciência também avançaria através da análise (leitura) de enunciados anteriores e não necessariamente através da observação do mundo. Ele dá o exemplo de conceitos como os de campo, onda, mésons, que não são observáveis em sentido lato. Entre o mito da falsificabilidade e o da fé na realidade, Leonidas considera mais “interessante” e “frutífero” (Hegenberg, 1965, p. 3) assumir o mito proposto por Flusser, o de que a língua cria a realidade¹⁰.

10 Outro comentário favorável ao livro vem de Paulo Rónai (1907-1992), que afirma ter ficado deslumbrado com a leitura de obra tão vasta (ver referência ao final).

6. Entre Língua e realidade, uma filosofia poética

Vilém Flusser sustenta a tese de que existem diferentes formas de filosofar. Segundo o mapa flusseriano, estampado ao final do livro, o filosofar ocorre, basicamente, em duas camadas da língua: a da conversação e a da poesia. A primeira tem produtividade limitada, circunscrita que está a apenas duas dimensões. Ela é plana, o que significa que “estende a língua, mas não a aprofunda”. Por isso, não cria novas palavras e tampouco realidade. Tal fato faz com que se diferencie de maneira determinante da segunda, que conforme Flusser, constitui a camada que a “verdadeira filosofia” (Flusser, 2007, p. 173) adentra. Enquanto portadora da *poiesis*, a poesia estabelece realidade. “A palavra *poiein* (fazer, produzir) deve ter raiz comum com a palavra latina *ponere* (pôr). O poeta é, pois, um positor, que fornece a matéria-prima para os compositores, isto é, os intelectos em conversação” (Flusser, 2007, p. 183).

Originalidade é isso para Flusser: a proposição de regras e palavras novas. A poesia propõe inovações do tipo estético, isto é, vivências. O poeta flerta com o indizível. Flusser reitera que o intelecto se expande pela intuição poética, que chama, intui nomes próprios. Essa é a diferença entre os nomes próprios e as palavras secundárias, entre o verso e o converso, entre a poesia e a crítica.

Após citar um verso de Elliot¹¹, que traduz como “a língua não passa de luz rompida por sobre as profundezas do inarticulado”, Flusser arrisca sua própria definição de poesia: “o esforço do intelecto em conversação de criar língua” (Flusser, 2007, p. 181). Fascinante é o fato de que o verso de Elliot tem clara ressonância com a imagem benjaminiana da tecelagem antes comentada. Se no texto de Benjamin é o fio que tece a mediação entre os polos da ordem (anverso) e da desordem (reverso) – entre caos e cosmos, para falar com Flusser –, no poema de Elliot é a luz que, ao romper as profundezas do inarticulado, permite a conexão entre essas duas instâncias. A imbricação entre poesia e filosofia, que Flusser nunca perde de vista, mostra o melhor de sua razão de ser ao dar lugar a um lampejo que possibilita bordejar o nada que nos concerne. Fio : luz : palavra – potências do perpassar, do tecer das, e nas, línguas.

Referências bibliográficas:

BENJAMIN, Walter. A caixa de costura, *Infância em Berlim em 1900*. In: _____. *Rua de mão única* (Obras escolhidas, II). Trad.: Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DONATO, Eugenio. “Here, Now”/“Always Already”. In: *Diacritics*, vol. 6, n. 3. Baltimore: John Hopkins University Press, 1976, p. 24-29.

11

“Speech is but broken light upon the depth of the unspoken”.

FLUSSER, Vilém. *Língua e Realidade*. São Paulo: Annablume, 2007.

_____. *A dúvida*. São Paulo: Annablume, 2011.

_____. Língua e Realidade. *O Estado de São Paulo*, São Paulo: 26 de junho de 1964. Suplemento Literário. p. 3.

_____. Adam Schaff como pretexto. *O Estado de São Paulo*, São Paulo: 7 de dezembro de 1968. Suplemento Literário. p. 6.

_____. Ensaio para um estudo do significado ontológico da língua. In: *Revista Brasileira de Filosofia*, São Paulo: vol. 12, n. 45, jan-mar, 1962.

HEGENBERG, Leônidas. A propósito de "Língua e Realidade". *O Estado de São Paulo*, São Paulo: 12 de junho de 1965. Suplemento literário, p. 3.

MARQUES, Oswaldino Ribeiro. "Introdução à semântica", de Adam Schaff. *O Estado de São Paulo*, São Paulo: 23 de novembro de 1968. Suplemento Literário, p. 1.

RÓNAI, Paulo. Língua e Realidade. *O Estado de São Paulo*, São Paulo: 13 de abril de 1965. Suplemento Literário, p. 3.

ROSENFELD, Anatol. Resenha bibliográfica. *O Estado de São Paulo*, São Paulo: 6 de junho de 1964. Suplemento Literário, p.2.

SAID, W. Edward. Abecedarium Culturae: structuralism, absence, writing. In: *TriQuartely*, n. 20. Illinois: Northwestern University, 1971, p. 33-71.

SANTIAGO, Silviano. O narrador pós-moderno. In: _____ *Nas Malhas da Letra: Ensaios*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, p. 44-60.

_____. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: _____ *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco: 2000, p. 9-26.

XAVIER, Lívio. Um estudo do significado ontológico da língua. *O Estado de São Paulo*, São Paulo: 28 de julho de 1962. Suplemento Literário, p. 1.